



Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica

Expectativas de Famílias e de Estudantes do Ensino Médio integrado sobre escolarização e projetos de futuro

Expectations of Families and High School Students in Integrated Education Regarding Schooling and Future Projects

Recebido: 26/11/2024 | **Revisado:** 15/05/2025 | **Aceito:** 27/06/2025 | **Publicado:** 14/07/2025

Edna Martins

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2795-1503>

Universidade Federal de São Paulo
Email: edna.martins@unifesp.br

Priscilla Antunes Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3081-5547>

Universidade Federal de São Paulo
Email: pri.antunesferreira@gmail.com

Como citar: MARTINS, E; FERREIRA, P. A. Expectativas de Famílias e de Estudantes do Ensino Médio integrado sobre escolarização e projetos de futuro. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 01, n. 25, p.1-23 e18025, jul. 2025. ISSN 2447-1801. Disponível em: <Endereço eletrônico>.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Resumo: Essa pesquisa buscou compreender os significados e sentidos do processo de escolarização presentes nas expectativas de estudantes do Ensino Técnico Integrado ao Médio e de seus familiares. Além disso, elucidou as ressonâncias dessas expectativas para o desenvolvimento do autoconceito de êxito ou fracasso escolar. Fundamentada na Teoria Histórico-Cultural, a investigação analisou as percepções de sucesso e fracasso escolar, com foco nas trajetórias de escolarização dos estudantes. A pesquisa, de caráter qualitativo, baseou-se em entrevistas com sete estudantes do Ensino Médio integrado ao Técnico e suas famílias em uma instituição pública federal de São Paulo. Os resultados indicaram que as expectativas familiares podem influenciar a internalização de significados e formação de sentidos, afetando o desempenho escolar. Expectativas positivas podem promover a autopercepção de êxito, enquanto as negativas podem levar à percepção de fracasso escolar. O estudo trouxe à tona elementos que poderão apoiar intervenções futuras por parte dos profissionais da educação, colaborando para superar a visão centrada apenas no aluno e na família, rompendo preconceitos nas relações entre escola e família.

Palavras-chave: Ensino Técnico Integrado; Família e escola; Teoria Histórico-Cultural; Expectativas de escolarização; Sucesso e fracasso escolar.

Abstract: This research aimed to understand the meanings and perceptions of the schooling process present in the expectations of students enrolled in Integrated Technical High School and their families. Additionally, it elucidated the resonances of these expectations for the development of self-concept regarding school success or failure. Grounded in Historical-Cultural Theory, the investigation analyzed perceptions of academic success and failure, focusing on students' schooling trajectories. The qualitative research was based on interviews with seven students from an Integrated Technical High School and their families at a federal public institution in São Paulo. The results indicated that family expectations can influence the

internalization of meanings and the formation of perceptions, affecting school performance. Positive expectations can promote self-perception of success, while negative ones may lead to perceptions of school failure. The study highlighted elements that could support future interventions by education professionals, contributing to overcoming a vision centered solely on the student and the family, thus breaking prejudices in school-family relationships.

Keywords: Integrated Technical Education; Family and school; Historical-Cultural Theory; Schooling expectations; School success and failure.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) entre 2016 e 2023, conduzida pelo IBGE, cerca de 8,8 milhões de jovens entre 18 e 29 anos não finalizaram o ensino médio e não estão matriculados em instituições de educação básica. Conforme o levantamento, o ensino médio é o período da educação com os maiores índices de evasão. De acordo com o Censo, entre 2020 e 2021, 7% dos alunos do primeiro ano abandonaram a escola e 4,1% foram reprovados. As causas da evasão escolar tem sido fonte de debates entre acadêmicos. Correntes conservadoras acreditam em motivações relacionadas a fatores de ordem do indivíduo, enquanto pesquisadores teórico-críticos afirmam ser esta uma problemática multideterminada. A família, como partícipe dos múltiplos determinantes sociais implicados na frequência e permanência da criança e do jovem na escola, também tem sido vista como um dos responsáveis tanto no êxito como no fracasso escolar do estudante (CASTRO, 2011).

Mendes (2013) aponta diversos fatores para a evasão escolar no Ensino Médio. Entre as causas, estão o encaminhamento de alunos com dificuldades de aprendizagem para turmas especializadas, o que pode gerar segregação e afetar sua motivação. Além disso, o desinteresse nas atividades escolares e a desmotivação para aprender reduzem o prazer de estudar, comprometendo a qualidade do aprendizado. A falta de políticas que alinhem as necessidades profissionais e educacionais dos alunos também contribui, pois muitos são pressionados pelas condições econômicas a buscar emprego, o que afeta seu desempenho e engajamento na escola, levando à evasão. Assim, as causas de evasão e fracasso no Ensino Médio podem ser multideterminadas.

Castro e Tavares Júnior (2016), em pesquisa sobre jovens em contextos sociais desfavoráveis e sucesso escolar no Ensino Médio, observaram que a maioria dos estudantes bem-sucedidos vinha de famílias nucleares, com mães alfabetizadas e pais com escolaridade mínima. Esses alunos, que iniciaram sua educação na infância, não trabalhavam e tinham acesso à internet. Entretanto, os autores destacam que essas características não garantem, por si só, o sucesso escolar, sugerindo que fatores mais sutis, como as interações e estratégias individuais, podem influenciar os

resultados, e que compreender esses perfis pode ajudar as escolas a melhor apoiar esses jovens.

Nesta direção, esta pesquisa buscou entender os significados e sentidos que famílias atribuem à escolarização, além das expectativas de pais e estudantes sobre o percurso no Ensino Médio. O estudo também investigou como a internalização dessas expectativas pode moldar os sentimentos dos estudantes, influenciando a forma como percebem a si mesmos em relação às expectativas transmitidas por suas famílias.

2 A FAMÍLIA E PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS

Em nossa sociedade, diversas instituições, como a família, a escola e a igreja podem ser responsáveis por introduzir a criança na cultura. No entanto, as influências recebidas variam conforme as relações sociais e condições materiais de cada indivíduo. Além disso, o processo de ensino e aprendizagem é influenciado pela história pessoal e familiar, bem como pelas representações de realidade e condições de existência. Mesmo compartilhando representações comuns, cada membro da família internaliza essas influências de forma única, com significados específicos para sua realidade.

Nas últimas décadas, ocorreram muitas mudanças nas configurações familiares. Novas formas de organização familiar mostram que os laços familiares estão mais centrados nas relações afetivas. No entanto, o modelo tradicional de família nuclear patriarcal ainda é visto como ideal, sendo usado para justificar problemas como insucesso escolar, atribuindo a culpa exclusivamente às famílias, sem considerar a influência das práticas de ensino e da estrutura escolar (FERRY, 2008). Outrossim, na sociedade capitalista, a célula familiar passou por mudanças significativas devido à luta de classes, sendo desenvolvida sob condições de angústia social e econômica. Nesse contexto, os filhos muitas vezes representam força de trabalho e ganhos econômicos. Segundo Bilac (1995), essas famílias articulam o trabalho doméstico com o trabalho remunerado, recorrendo frequentemente ao trabalho feminino e ao trabalho infantil.

A família pode ser compreendida como uma instância de reprodução social e biológica, caracterizada pela cooperação econômica e pelo consumo de bens materiais e simbólicos, além de ser um espaço de expressão de emoções como afeto, agressão, segurança e rivalidade. Ela atua como meio de comunicação das normas sociais por meio da socialização e educação das novas gerações, mas também pode gerar questionamentos, inovações e oposições a normas estabelecidas. Pode ser vista como um lócus educacional que potencializa o desenvolvimento humano por meio do cuidado entre seus membros (SZYMANSKI, 2007)

Algumas justificativas podem fazer parte de um discurso estereotipado nas escolas, que atribui às famílias a responsabilidade pelos problemas disciplinares ou dificuldades de aprendizagem dos alunos. Nesse contexto, "famílias desestruturadas" são vistas como a principal causa para o baixo desempenho escolar e os comportamentos inadequados dos estudantes. No entanto, por trás desse estereótipo

de "deseestrutura" está a ideia de um modelo referencial de família - a família nuclear burguesa composta por pai, mãe e filhos, com uma hierarquia definida pela divisão sexual do trabalho. Esse modelo é tão enraizado no imaginário social que é considerado o modo "natural", "correto" e "ideal" de organização familiar (SILVA; MENDONÇA, 2023). Assim, O termo "família desestruturada" carrega uma ideologia associada à classe social dominante, especialmente direcionado às famílias pobres, predominantemente negras, que vivem nas periferias urbanas.

Ferry (2008) por sua vez, propõe uma visão oposta à ideologia de classe que divide famílias em estruturadas e desestruturadas. Ele rejeita a ideia de que a família moderna está enfraquecida devido às suas novas configurações. Para ele, longe de estar em crise, a família moderna tem se intensificado nos últimos séculos, sendo mais autêntica e atraente, além de se reinventar constantemente. Deste modo, a família moderna pode ser entendida como uma unidade social formada por arranjos baseados em laços de aliança e afinidade entre pessoas com objetivos semelhantes.

Na família contemporânea, os filhos emergem como símbolos do sucesso pessoal dos pais, refletindo a validade dos seus valores e concepções de educação. Segundo Godard (1992), o êxito dos filhos é um critério fundamental para a autoestima dos pais que se responsabilizam pelos sucessos e fracassos dos filhos, buscando inseri-los nas melhores oportunidades sociais e empregando diversas estratégias para aumentar suas chances de sucesso, especialmente no sistema escolar, que legitima a individualidade e define destinos profissionais.

Nesta mesma direção, Perez (2004), afirma que as famílias de camadas populares, mesmo de maneiras variadas, valorizam a escolarização dos filhos, enxergando nela uma chave para um futuro melhor. No entanto, Castro et al. (2016) observam que, após anos de investimento na educação, muitas dessas famílias enfrentam desesperança, pois as dificuldades escolares se combinam com a necessidade de os jovens ingressarem precocemente no mercado de trabalho para ajudar no sustento da família, o que compromete a frequência escolar. Muitos jovens de famílias mais pobres buscam mobilidade social por meio da educação, mesmo sem recursos ideais, adotando estratégias autônomas, avaliando custos, riscos e benefícios, resultando em trajetórias escolares diversificadas.

Para os estudantes das classes média e alta, cursar o Ensino Médio é uma etapa esperada, funcionando como via de acesso ao diploma de nível superior, elemento importante de seus capitais culturais e simbólicos (BOURDIEU, PASSERON, 1982), com motivações internas e suporte familiar e escolar para a trajetória educacional. Já para os jovens das classes populares, o Ensino Médio nem sempre é parte do capital cultural familiar, onde as expectativas e cobranças em relação à continuidade dos estudos são limitadas pelas desigualdades sociais e de oportunidades (KRAWCZYK, 2011).

As expectativas familiares em relação ao sucesso ou fracasso escolar do estudante podem impactar diretamente seu comportamento diante das atividades educacionais. Sob a perspectiva histórico-cultural, o esforço e o interesse em investigar a realidade educacional com base nos pressupostos discutidos até aqui visaram, principalmente, destacar e tentar responder a questões centrais desta pesquisa. Entre elas, se os grupos familiares envolvidos no estudo compartilharam as

mesmas probabilidades e disposições (em termos de práticas, conceitos e valores) para atender de forma positiva ou negativa às expectativas de seus filhos em relação ao processo educacional e quais os efeitos dessas respostas nas trajetórias escolares dos estudantes e em seus projetos para o futuro.

3 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A pesquisa de natureza qualitativa, utilizou-se de entrevistas presenciais semiestruturadas considerando que tal instrumento possibilita que o entrevistado “discorra sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2007, p.64). Os participantes foram sete estudantes (quatro mulheres e três homens) do Ensino Médio Integrado aos cursos Técnicos do XXXXX e seus pais (seis mães e um pai) que, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade XXXXXXX, tiveram suas entrevistas gravadas, após assinaturas dos termos de assentimento e de consentimento livres e esclarecidos. Todos os nomes dos entrevistados são fictícios, respeitando o sigilo das informações.

A análise dos dados se deu a partir dos princípios da teoria Histórico-cultural que objetiva a análise explicativa (ao invés de detectiva e descritiva) dos processos, de modo que intenta compreender às relações dinâmico-causais dos fenômenos sociais, tomados em seu movimento, sua historicidade e em sua complexidade, a partir do exame crítico que retoma à origem do desenvolvimento de uma determinada estrutura, a fim de compreender teoricamente às relações que se estabelecem entre as diversas variáveis dos fenômenos sociais pesquisados (VYGOTSKY, 2007).

4 SIGNIFICADOS E SENTIDOS DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

A Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky propõe que a vida coletiva cria a cultura e, por meio das relações sociais, o indivíduo internaliza os significados compartilhados pela sociedade que, ao serem apropriados, ganham sentidos únicos com base nas vivências individuais. No contexto escolar, ao tratar da escolarização, discute-se a motivação dos envolvidos no processo de aprendizagem, o que envolve a questão da afetação, ou seja, como o sujeito é influenciado por ideias, objetos e fenômenos da realidade ao seu redor. Assim, pode-se compreender a força das relações humanas, inclusive as familiares na produção do sentido que a escolarização adquire para cada sujeito e na propiciação de situações que incidam sobre a geração da motivação para o engajamento do indivíduo nesse processo.

A teoria de Vygotsky defende que os significados são moldados pela cultura de um grupo social e, assim, sua internalização depende das mediações externas nas relações entre os membros desse grupo. Elogios familiares, valorização da escola e orientações sobre como estudar são fatores importantes na vida dos estudantes, influenciando os sentidos que eles internalizam sobre o processo de escolarização, como na fala da estudante Graziela.

Os meus familiares sempre me elogiavam muito, dizendo: “você está indo muito bem, se esforça!”. Eu gosto disso, deles falarem que eu vou bem. Eu não fico pensando ‘vou conseguir um emprego estudando’, eu fico pensando que eu vou ser uma pessoa que vai ter bastante conhecimento, então quando eu conversar com uma pessoa, a pessoa vai ver que eu tenho base em vários assuntos, vai falar: ‘Nossa! Legal conversar com a Grazi, ela conhece as coisas’. (...) Eu quero tomar decisões de uma forma mais lógica pra eu saber que eu estou fazendo certo, entender o que eu estou fazendo. Mais sábia. (Graziela)

Além da família, outras pessoas do grupo social no qual o estudante está inserido podem ser fundamentais na construção desses significados e sentidos de escola e escolarização. No seguinte trecho da entrevista de Graziela, acerca de um diálogo estabelecido com uma amiga na escola, essa questão fica muito clara:

Eu estava estudando Matemática, e estava muito triste e, a minha amiga falou assim: ‘Grazi, está tudo bem?’, eu falei: ‘Não, não quero mais estar aqui, eu queria estar viajando, queria estar em uma praia, eu queria estar aproveitando’, e aí ela disse: ‘E qual é a forma mais fácil de você conseguir isso?’, aí eu falei: ‘Estudando’, ela disse: ‘Então, é preciso. Você tem que fazer essa parte’. ‘Você não quer, mas pra você chegar lá você tem que passar por isso’. Eu disse: ‘É, pra conseguir uma condição financeira melhor’, porque a verdade é que você pode ficar esperando ganhar na Megasena um tempão ou você pode estudar pra conseguir chegar lá. E aí, é isso que eu penso hoje: ‘Ah, vou estudar e aí eu vou ter um emprego e acabou’.

Ao analisarmos os relatos dos entrevistados, observamos que os sentidos sobre escola e escolarização são construídos a partir das falas e vivências familiares dos jovens. Mesmo diante de adversidades, pais e mães veem a escola como um dos poucos caminhos para superar a pobreza e alcançar progresso coadunando com o que afirma Patto (2015), que a escola é historicamente percebida como uma instituição redentora, valorizada pelas camadas menos privilegiadas, incluindo a população negra, como meio de ascensão social, possibilitando “cruzar os umbrais do progresso”.

(...) toda classe média baixa não tem estudo, e o sofrimento é maior. Quando a pessoa tem estudo ou uma profissão, é menos sofrimento. Tudo é praticamente baseado no conhecimento. Quando tem conhecimento, a pessoa vê de outra forma o mundo. Via meu padrinho, que viajava no mundo inteiro só fazendo palestra, e não precisava sofrer para ganhar e ele tinha do bom e do melhor. Sofrer é trabalhar muito fisicamente, mentalmente. Parece que a pessoa pobre trabalha tanto, tanto, tanto como... Hoje em dia eu estou passando isso, estou vivendo isso. Eu queria fugir disso, eu enxerguei isso desde muito nova, só que a sorte não me acompanhou. Por mais que eu

lutava, não consegui, mas queria poupar disso os meus filhos. Eu falei: 'Tudo bem, eu vou assumir qualquer esforço, qualquer sofrimento, mas eu não quero que meus filhos passem pelo que eu estou passando'. (Rosângela, mãe de Kelvin)

A maioria das famílias de classes populares não detém recursos financeiros para buscar formas de ascenderem socialmente, então buscam auxílio em recursos outros, tais como a religiosidade, para superarem as suas condições de vulnerabilidade. Posteriormente, percebem que na sociedade de classes, a escolarização configura-se como meio de transitar de um locus social para outro, como aponta o relato a seguir:

(...) Pensei: 'Preciso mudar minha vida, né?'. Foi aí que eu tive forças quando eu vi como realmente a situação estava. Inclusive, o pai da Graziela foi preso porque ele tentou furtar um celular de uma menina pra vender. E aí eu falei 'Não! Não é isso que eu quero pra minha filha', e daí que eu tirei forças, eu ia muito pra igreja e pedia muita força pra Deus e daí eu falei: 'Não, eu preciso mudar'. Aí eu fiz a Pedagogia, eu fiz a Pós (...) Eu gosto muito de estudar (...). Então, foi assim que a Graziela viu a nossa vida mudar. Foi através do meu estudo, da minha faculdade. (Cristina, mãe de Graziela)

Muitas das histórias de vida dessas famílias pobres demonstraram que sempre lhes fora tirado muito do pouco que possuíam e que o conhecimento escolarizado fora a única garantia que tiveram de não serem expropriados daquilo o que se tornou parte de si mesmos:

(...)a educação, o estudo, é algo que ninguém tira de ninguém. Você pode ter um dinheiro, alguém chegar e te roubar, vai levar; agora, a sua educação, o que você aprendeu ninguém tira de você. Isso é teu, você vai levar com você sempre, e é o que eu passo pros meus filhos. O conhecimento, buscar cada dia algo melhor pra você, conhecer sempre algo mais, histórias de outros países, novas culturas, é coisa tua; acho que eles conseguem entender isso. (Nilza, mãe de Nara)

Pelos relatos, podemos perceber que por intermédio dos conceitos mediados pelas famílias e pelos valores que regem às relações (de consumo) na sociedade do capital, os(as) estudantes se apropriam do significado de escolarização como sendo condição necessária ao acesso a oportunidades de crescimento pessoal e financeiro na vida:

Talvez eu tenha olhado aquelas peças de brinquedos muito grandes nas lojas e ver que eu não teria condições de comprar aquilo, e eu me imaginei em uma situação financeira em que eu pudesse pagar as

coisas que eu quisesse, então fez sentido pra mim o que os meus pais dizem que a escola era o único caminho que eu ia chegar lá, pra que, se eu conseguisse. Se eu estudasse, conseguiria um bom emprego. Aí eu vou ter mais dinheiro pra conseguir as coisas materiais que eu quero e ajudar minha família. (Guilherme, filho de Tainá)

Para outros estudantes, além de ascensão social e financeira para propiciação de autonomia e de acesso a bens de consumo e serviços na sociedade capitalista, o estudo e a escolarização assume também o sentido de desenvolvimento humano e de processo viabilizador de maior grau de liberdade ante a tantos condicionantes postos por suas situações de vida:

O significado do estudo na minha vida está sendo um meio de libertação, porque meu objetivo é me formar pra fazer a faculdade que eu quero, pra trabalhar no que eu quero, focar em coisas que eu gosto, então, vai ser um meio de conseguir uma libertação, porque finalmente vou conseguir lidar com assuntos do meu interesse no meu cotidiano... Eu sei que não vai ser perfeito, mas vai ser pra algo que eu me identifico, algo que eu gosto, algo que eu tenho prazer de fazer... (Vivian, filha de Eliane)

Os relatos indicam que, diante dos sonhos e objetivos futuros compartilhados entre estudantes e seus pais, muitas famílias se sacrificam para oferecer o melhor possível a seus filhos. Como a escola pública frequentemente não cumpre seu papel de garantir uma educação consistente que possibilite o sucesso em vestibulares de boas universidades, esses pais buscam alternativas, como matricular os filhos em cursinhos, adquirir livros ou contar com a ajuda de parentes para garantir melhores oportunidades

Coloquei ela em um cursinho, porque ela estudou a vida inteira em escola pública, e apesar de tantos altos e baixos em nossa vida, eu procurava sempre incentivar ela a ler. Hoje ela adora ler. Quando ela tinha 5 aninhos, eu já dava livros pra ela, pra ela ler, mesmo eu não podendo estar presente no dia com ela, eu sempre dava alguma coisa pra incentivar a estudar. Minha mãe e minhas irmãs ajudavam bastante. E foi, assim que ela foi estudando, se esforçando também, e aí ela vai conseguiu passar (Cristina, mãe de Graziela)

Também compreendemos que, pelos acontecimentos das trajetórias pessoais de vida dos entrevistados, os sentidos atribuídos à escolarização envolveram o seu significado, porém tornaram-se mais abrangentes que este. Os relatos mostram que os sentidos atribuídos à escolarização foram além de seu significado inicial, se tornando mais amplos e conectados às suas trajetórias pessoais. De acordo com a Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky, o sentido é influenciado pelo contexto e pode variar entre indivíduos de uma mesma cultura, sendo moldado pela história de

mediação pessoal. Na sociedade capitalista, os significados da escolarização podem estar relacionados ao campo profissional e às questões da adolescência.

Outra coisa que me incentiva a estudar, é o mercado de trabalho, pra eu conseguir me formar, conseguir ter um emprego legal, que tenha uma remuneração estável. Não precisa ser uma remuneração alta pra eu ficar rica, mas que dê pra eu viver bem, estável, então também é um motivador pra estudar. Um pouco de expectativa familiar também. Sempre acaba tendo um pouco de motivação familiar pra você acabar estudando, porque na minha família não teve ninguém que chegou à faculdade. Minha irmã, terminou o Ensino Médio e parou. Minha mãe também terminou só o Ensino Médio. Isso acaba sendo motivador pra mim, além da minha família querer que eu faça faculdade. (Vivian, filha de Eliane)

A estudante Vivian parece ter se apropriado do significado dos estudos transmitido por sua família, especialmente em relação à profissionalização e ao ingresso no mercado de trabalho. No entanto, ela também desenvolveu o sentido de que a escolarização pode lhe conferir um status diferenciado dentro de seu núcleo familiar, já que será uma das primeiras a ingressar na universidade, o que serve como motivação adicional para seus estudos.

Sobre a questão da vida profissional, Vygotsky destaca como o meio sociocultural pode ser determinante no desenvolvimento psicológico do indivíduo apontando que “é precisamente com o auxílio dos problemas propostos, da necessidade que surge e é estimulada, dos objetivos colocados perante o adolescente que o meio social circundante o motiva e o leva a dar esse passo decisivo no desenvolvimento do seu pensamento” (VYGOTSKY, 2000, p. 171).

A maioria das falas das famílias entrevistadas aborda questões relacionadas à vida profissional. Os estudantes, ao enfrentarem as dificuldades financeiras de suas famílias, também reconhecem as possibilidades que a escolarização pode oferecer, percebendo nela uma oportunidade de alcançar um futuro profissional que lhes garanta recursos suficientes para sua sobrevivência, como ilustrado no relato de uma mãe.

Eu falo para eles: ‘Enquanto eu viver, eu quero uma vida razoavelmente boa para vocês, pelo menos formados’. Pra eles terem uma profissão, uma carreira, construir uma família, e que eles também sigam esses mesmos exemplos. E com a profissão, eles terem um bom emprego. Pra eles pararem de sofrer. Eu tenho certeza que eles não vão sofrer como a gente sofre sem estudo. (Rosângela mãe de Kelvin)

Para muitos entrevistados, a escolarização é vista como essencial para a construção da cidadania, permitindo a aquisição de conhecimentos que proporcionam uma ampla compreensão do mundo e de suas instituições, capacitando-os a agir de

forma eficaz. Além disso, a escolarização é associada à possibilidade de inserção no mercado de trabalho com remuneração adequada, garantindo condições de vida confortáveis, como reforçado no relato de uma das mães entrevistadas quando ressalta que: (...) Sobre os estudos, eu quero que ela se vire na vida, e que tenha condições de se manter bem, de ter uma vida boa e melhor. (Cristina)

Sobre os sentidos de escolarização construídos por cada participante, principalmente pelas mães, foi possível compreender que possivelmente algumas delas foram expostas a diversos tipos de sofrimentos ao longo de suas existências, de modo que, ao referirem-se à escolarização, têm-na como parâmetro de condição necessária para adquirir-se conhecimentos que permitam aos filhos valer-se de seus direitos na sociedade, a fim de proteger-se de violências em amplos sentidos:

Ele só se preocupava em beber, e eu com um filho pequeno de 3 anos e grávida de três meses. Falei: 'Não vou me afundar, eu vou pular do barco... Sei lá o que eu vou fazer. Foi aí que nessa época eu flagrei ele com uma funcionária. Aí eu pensei: 'Agora é o momento'. Aí eu coloquei ele para fora e aí eu me virei sozinha com 2 filhos. Tanto que o Kelvin, ele nem conhece o pai (...) Já no primeiro filho mais velho, eu coloquei ele na justiça e ele sempre fugiu da pensão alimentícia. (...) A dificuldade que eu estava passando, eu não queria para eles... (Rosângela, mãe de Kelvin)

A história de Rosângela reflete a realidade de muitas mulheres brasileiras que lideram suas famílias sozinhas. Seus relatos, assim como os de outros participantes, mostram que os significados de escolarização são moldados por suas trajetórias de vida e pelas relações com seu contexto social, incluindo a família. A maioria das famílias deste estudo, oriundas de camadas populares, compartilha uma visão semelhante sobre a escolarização, percebendo-a como um meio de ascensão social que pode proporcionar melhores condições de vida na sociedade capitalista.

Conforme Szymanski (2007), as famílias de camadas populares valorizam a escolarização dos filhos, depositando nela a expectativa de que, por meio dos estudos, os jovens adquiram conhecimentos que os tornem profissionais competentes. Essa formação é vista como uma oportunidade de ascender socialmente, permitindo-lhes conquistar empregos melhores e menos extenuantes, evitando assim as dificuldades e privações enfrentadas por seus pais, como evidenciado nos relatos: "Eu quero que conquistem uma vida melhor pra não depender, porque se você não tem conhecimento ou você vai ralar muito ou você vai depender de alguém, e esse alguém geralmente vai aproveitar de você. (Eliane, mãe de Vivian)

Hoje eu posso te dizer que a escola é tudo. Eu sinto não ter entendido isso na época da minha juventude, porque se eu tivesse com a cabeça que eu tenho hoje, eu não teria parado de estudar. Eu teria, feito a faculdade, teria primeiro pensado em terminar algo e ir trabalhar naquilo pra depois constituir uma família, e é assim, que que

eu passo pra Nara: ‘ Mesmo que não queira, você vai fazer uma faculdade, mas tem que ter uma área onde te dá uma estabilidade’. Então, a importância do estudo é isso. (Nilza, mãe de Nara)

Algumas mães relataram suas trajetórias de vida marcadas por obstáculos que dificultaram a continuidade dos estudos, o que gerou sofrimento devido à falta de escolarização necessária para acessar melhores oportunidades no mercado de trabalho e obter remunerações adequadas. Esses relatos emocionantes refletem a busca por superar os desafios enfrentados, enfatizando para os filhos o valor da educação. Além disso, expressam o medo de que seus filhos possam tomar decisões que resultem em fracasso, considerando o abandono escolar um grande prejuízo para suas vidas.

O que eu passo pra ela, é a importância do estudo. Eu ia pra escola por obrigação, e aí logo arrumei filho. Eu vim da Bahia pra cá, com 16 anos sozinha. Trabalhei em casa de família, em loja de roupa (...) Pessoas pegam pra trabalhar em casa de família e não quer que você aprenda nada pra que eles não percam a funcionária. Se você estuda a tendência é você ir pra um outro cargo, não trabalhar em casa de família. Muita gente que conheço que trabalhou em casa de família, como eu, não estudou. (...) Ter parado os estudos me fez uma falta danada, a gente passou muita necessidade (Eliane, mãe de Vivian)

O relato de Eliane expõe as contradições do capitalismo, revelando a luta de classes e a segregação social no Brasil. Ele ilustra um sistema de exploração, em que a classe patronal adota uma visão utilitária e desumanizadora da classe trabalhadora, perpetuando a divisão social do trabalho e naturalizando a ideologia de classes. Embora a Educação seja um direito, populações economicamente desfavorecidas enfrentam barreiras que dificultam seu acesso e permanência na escola, como exemplificado por Eliane. A partir da Teoria Histórico-Cultural, podemos inferir que essa limitação no acesso à escolarização a impediu de ampliar seus conhecimentos

Nesta mesma perspectiva teórica, Rego (2014) assinala que a escolarização é essencial para a formação de indivíduos em uma sociedade complexa. A exclusão e o abandono escolar são graves, pois impedem a apropriação do saber sistematizado e a construção de habilidades psicológicas avançadas, limitando a capacidade de transformar o meio social e gerar novos conhecimentos. Para a plena humanização, é necessário ir além das experiências cotidianas, e a educação desempenha um papel essencial nesse processo. Ao transcender a natureza e suas necessidades por meio do trabalho humanizador, incluindo o estudo, o homem constrói sua própria cultura. Ao superar as limitações impostas por essas necessidades, ele conquista sua liberdade e se torna agente de sua própria história.

5 AS EXPECTATIVAS FAMILIARES E SUAS RESSONÂNCIAS NA ESCOLARIZAÇÃO

A adolescência é uma construção social que se desenvolve nas relações entre organizações sociais e econômicas ao longo da história das civilizações ocidentais. Embora frequentemente vista como um período repleto de dificuldades e conflitos, a Teoria Histórico-cultural ressalta a importância de considerar a adolescência em suas singularidades e multideterminações, reconhecendo-o como uma fase repleta de explorações e oportunidades de desenvolvimento. Propõe uma compreensão histórica e social desse período, evidenciando que a vivência da adolescência é influenciada por diversos fatores contextuais.

Tal compreensão de adolescência implica em considerarmos que as expectativas para o futuro desempenham um papel importante nesse contexto de transformações e transição para a fase adulta. Essas expectativas são fatores de proteção para um desenvolvimento saudável, pois motivam comportamentos presentes e influenciam escolhas que impactarão as realizações futuras do adolescente. Segundo o Dicionário Aurélio, expectativa é o ato de esperar por algo, que envolve a esperança baseada em direitos, probabilidades ou promessas. Assim, as expectativas sobre o futuro se referem à antecipação de metas que se conectam ao presente, podendo ser de curto, médio ou longo prazo, e podem variar de realistas (como concluir o Ensino Médio) a imprecisas (como obter um emprego que garanta boa qualidade de vida).

Na adolescência, as aspirações costumam ser vagas, moldadas por normas sociais e expectativas familiares. No entanto, ao vivenciarem experiências, adolescentes desenvolvem autoconhecimento, refinando suas expectativas e aspirações pessoais. Em "Paidologia del Adolescente" (2000), Vygotsky discute os interesses da personalidade adolescente, destacando que este é um ser pensante que relaciona suas necessidades biológicas com as culturais superiores, dando origem aos interesses. O autor também afirma que as tarefas de desenvolvimento na adolescência estão ligadas ao pertencimento a uma classe social e às suas possibilidades de realização, com a tomada de decisão sobre a profissão como tarefas fundamentais nesse período (VYGOTSKY, 2000).

Estudos qualitativos indicam que expectativas educacionais são preditoras de realização acadêmica, enquanto expectativas ocupacionais influenciam a realização no trabalho (ALVES, et. al., 2015). Nurmi (1991) revisou pesquisas sobre adolescentes em processo de escolarização e suas expectativas de futuro, revelando que os objetivos e interesses típicos deste período estão relacionados às principais tarefas de desenvolvimento antes da vida adulta, com foco em trabalho e educação, independentemente das questões culturais. Além disso, os achados destacaram interesses secundários em casamento, formação de família, lazer e preocupações materiais, que variaram conforme idade, sexo e cultura dos indivíduos. Portanto, torna-se fundamental os sistemas de apoio social para que a trajetória de vida do jovem seja positiva no que se refere às expectativas de futuro.

Nesta perspectiva intentamos analisar e discutir as expectativas dos pais em relação ao futuro e à escolarização de seus filhos, assim como as expectativas dos

adolescentes em diversos contextos familiares. Investigamos como essas expectativas, tanto familiares quanto pessoais, impactam o processo de escolarização dos estudantes entrevistados concordando com a ideia de que não há um único modelo de família, mas sim uma diversidade que, embora compartilhe características comuns, apresenta singularidades que constroem identidades próprias. Ao explorar as expectativas dos pais em relação à escolarização dos filhos, observamos que muitos desejam que a escola prepare seus filhos para o sucesso pessoal, profissional e financeiro, aspirando que ingressem em universidades de prestígio e alcancem condições de vida satisfatórias. No entanto, diante de indícios de possíveis frustrações, especialmente após insucessos na trajetória escolar, os pais frequentemente reagem com preocupação e apreensão.

Eu teria gostado que meus filhos fossem iguais a mim, que gostassem de estudar, que fossem os melhores alunos da escola. Porque quando eu estudei, eu tirei todos os anos o conceito de bom aproveitamento. Eram premiados os melhores alunos, tiravam diploma, ganhavam reconhecimento, bolsa para as faculdades (...) Os melhores alunos lá no Peru eram premiados. Então aqui não é premiado, mas é bom ser o melhor, eu sonhava que meus filhos fossem melhores alunos pra terem um bom futuro como melhores profissionais, mas não tá acontecendo esse desejo e isso me deixa angustiada. (Rosângela, mãe do Kelvin)

Ao expressar expectativas de que seus filhos sejam os melhores alunos para garantir um bom futuro profissional, Rosângela demonstra que, em uma sociedade orientada pelas relações de mercado, a família precisa estabelecer expectativas realistas e caminhos viáveis para proporcionar aos adolescentes condições de competir e se inserir em uma coletividade marcada pela competitividade e concorrência.

Historicamente, a escolarização tem sido vista como uma estratégia para garantir o sucesso profissional dos filhos. Pais atentos aos valores do mercado capitalista avaliaram as opções de escolarização, buscando alternativas viáveis e vantajosas para seus adolescentes. As famílias entrevistadas optaram por escolas que alinhavam-se a uma visão utilitarista de formação, visando garantir boa empregabilidade no futuro. As falas dos pais revelam que investiram em um capital cultural escolarizado que proporcionasse melhores chances de sucesso escolar, social e no mercado de trabalho competitivo:

Eu fiquei sabendo que o IF era assim, que te obrigava a estudar, coisa que eles não têm na escola estadual de hoje até nível Médio, além da falta de professores. Eu falo pro meu filho que o que ele aprende em uma semana aqui, talvez em um mês ele não aprenda em escola estadual. Então ele tem que aprender a ter a noção de que, do Ensino Médio pra frente, as coisas começam a mudar, porque você precisa fazer a transição da vida adolescente pra vida adulta (...) Então eu fiz ele prestar pra cá justamente pra ele aprender ter responsabilidade e

pensar em como ele vai se sustentar daqui uns anos. (Antônio, pai de Juliano)

Em relação ao que os estudantes pensavam sobre as expectativas para o futuro, na maioria dos jovens entrevistados, percebemos que muitos deles seguiram as orientações de suas famílias, o que indica a intervenção direta dos pais em seus processos de candidatura às vagas e também em sua permanência na instituição de ensino:

Até hoje, às vezes eu quero mudar de curso (...) Aí o meu pai fala assim pra mim: 'Você está numa boa área, num bom curso, numa boa escola, por isso é melhor ficar', mas eu não quero isso, sabe? Eu não tô gostando do curso por causa desse fato, assim, que eu queria Mecânica Automobilística mesmo, mexer e aprender mesmo relacionado a carros, mas meu pai não vai me deixar sair (Juliano, filho de Antônio).

Na análise da influência da parentalidade na educação dos filhos, as trajetórias de escolarização dos pais é um fator relevante. A maioria das mães entrevistadas tem escolaridade entre o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, o que se alinha à pesquisa de Dourado (2007), que concluiu que fatores como renda, acesso a bens culturais e tecnológicos, escolaridade dos pais, hábitos de leitura e participação na vida escolar afetam o desempenho escolar dos jovens. Embora a escolarização dos pais não seja o único fator determinante, aqueles com escolaridade mais baixa tendem a buscar oportunidades educacionais de qualidade para que seus filhos ascendam socialmente.

Escolhi informática de manhã - que é o curso mais concorrido daqui. Depois que passei, minha mãe ficou muito feliz, a gente veio pra fazer matrícula, porque nossa ideia inicial era a que a minha mãe pensou antes: 'Vou pagar um cursinho pra você prestar vestibulinho e fazer o Ensino Médio em uma escola boa, pra você conseguir ir bem no vestibular e passar em uma boa faculdade pública. Então, vamos investir agora ao invés de pagar um cursinho só lá no final do Ensino Médio, porque não compensa fazer um Ensino Médio meia boca'. (Graziela, filha de Cristina)

A valorização da escolarização de qualidade pelos pais se manifestou no interesse, preocupação e esforços para que seus filhos cursassem e completassem o Ensino Médio Integrado ao Técnico no IFSP. Os pais acreditavam que essa trajetória proporcionaria melhores oportunidades no mercado de trabalho, mobilidade social e melhores condições de vida, tanto para os jovens quanto para suas famílias.

Sempre me preocupei muito porque eu nunca tive condições, sempre fiz o possível pra que elas tivessem uma educação boa. Eu falo pra

elas: 'Se eu tivesse pensado menos em vocês, hoje eu teria casa, carro e tudo', porque eu sempre trabalhei pra caramba, assim, dia e noite. Vendia férias pra pagar escola pras duas, porque eu queria que elas tivessem um bom emprego e um bom futuro pra elas e também pra família. (Eliane, mãe de Vivian)

O relato de Eliane demonstra que os valores da sociedade capitalista influenciam os objetivos das famílias na escolha de uma escola considerada de "boa qualidade" para seus filhos, conforme apontado por Rodrigues (2005, p. 52): "Os pais, em nome da preparação para uma sociedade competitiva e "dura", optam, frequentemente "a bem dos seus filhos", por modelos educativos mais tradicionais que privilegiam a competição, os métodos mais transmissivos de ensino e as classes mais homogêneas".

Estudantes e familiares atribuem o conceito de "escola de boa qualidade" àquelas que aumentam as chances de aprovação em vestibulares de grandes universidades, especialmente públicas. A boa qualidade educacional, para eles, está associada à continuidade do percurso formativo, maior inserção no mercado de trabalho com melhores salários e à possibilidade de mobilidade social. Essa percepção é reforçada por estudos como os Pandite-Pereira (2016).

Como a Vivian não conseguiu atingir a nota de corte da primeira vez que ela prestou vestibulinho para o IFSP, na segunda vez a gente escolheu um técnico lá, que era o menos concorrido, mas visando à escola, o Ensino Médio bom pra ela prestar os vestibulares de boas universidades públicas, então não foi nem visando o curso técnico. O que a gente pensou foi a possibilidade dela conseguir passar na faculdade e conseguir a profissão dela lá na frente, pra conseguir ter um bom emprego. (Eliane, mãe de Vivian)

As constatações revelam que a cultura atual influencia pais e mães a desejarem que seus filhos ingressem em instituições de ensino consideradas "de qualidade", pois acreditam que essas instituições oferecem oportunidades para uma vida adulta próspera. Há uma forte crença de que um bom diploma de uma renomada escola ou universidade é a chave para um futuro promissor, como também observado entre os estudantes. Como vimos, diante de tais expectativas, as campanhas publicitárias de promoção dos vestibulinhos da Rede Federal de Ensino também podem se constituir como mais um aspecto interferente na percepção da qualidade da instituição para os jovens e suas famílias, pois nelas os Institutos Federais são apresentados como "escolas públicas de qualidade":

A intenção era que elas entrassem no Instituto Federal porque eu sempre lia as informações e via nas propagandas que era essa a melhor escola do nível Médio e Técnica, então eu sempre gostaria que elas entrassem porque eu sei que isso iria ajudar elas a ter uma

profissão de técnica ou entrar numa boa faculdade. (Eliane, mãe de Vivian)

Os relatos analisados corroboram as pesquisas de Dourado (2007), que indicam que a escolha da escola pelas famílias está ligada à percepção compartilhada pela comunidade sobre seu sistema educativo. Essa visão influencia a permanência na instituição, impactando o aprendizado e as expectativas de produtividade. O autor destaca que a escola e a comunidade, junto com a mídia, atribuem aos alunos o papel de medidores da qualidade educacional, reforçado por avaliações externas como o PISA. Os estudantes entrevistados escolheram o IFSP com base na expectativa de um Ensino Médio de qualidade, focado na preparação para o vestibular.

Eu não escolhi nem o IFSP e nem o técnico, foi minha mãe que escolheu. Porque eu precisava fazer um Ensino Médio que me fizesse passar no vestibular das faculdades públicas, então a gente acabou escolhendo a Federal e o curso técnico que tinha menos concorrência pra eu conseguir passar. Não pensamos no mercado de trabalho pra escolher o Técnico, não. Quando eu vim estudar aqui, o interesse que a gente tinha não era pelo Técnico, mas era pra ter um ensino bom, de qualidade, porque minha mãe não tinha condições de pagar um colégio particular. (Vivian, filha de Eliane)

Depoimentos como esses, demonstram que quando escolhem uma instituição de ensino de qualidade visando o acesso à formação de nível superior, o estudante e a sua família afirmam seus anseios por um futuro que lhes seja proeminente. Disso entendemos que estudantes e seus pais/mães zelam pela escolha da escola que melhor atenda às suas projeções afetivas. Isso ocorre porque não somente o estudante está emocionalmente envolvido em seus projetos de escolarização, mas também a parentalidade se constitui como parte interessada e afetada pela escolarização de seus filhos, em decorrência de suas expectativas de futuro.

Para todos os alunos e pais entrevistados, o ingresso na universidade foi destacado como o principal objetivo do processo de escolarização. O curso superior é visto como a chave para entrar no mercado de trabalho na área desejada, além de possibilitar a realização de expectativas futuras relacionadas à ascensão econômica e status social: “Ela não quer seguir carreira com o curso Técnico de Informática. Eu quero que ela faça alguma faculdade que ela gosta” (Cristina, mãe de Graziela).

Eu sempre achei que com a escola você consegue mudar a sua realidade. Que quanto mais você estuda, se você faz uma faculdade, mais chances você tem. Eu sempre pensei assim, que se eu estudasse, eu conseguiria mais dinheiro e melhoraria as condições financeiras da minha família - esse era o meu principal objetivo. Na escola, um dos meus incentivos sempre foi ser o melhor da sala. Se eu fosse o melhor aluno, até a faculdade, futuramente iria conseguir

bastante dinheiro pra mim e pra ajudar a minha família, pra retribuir tudo o que eles fazem por mim. (Guilherme, filho de Tainá)

Ao concluir o Ensino Médio, a continuidade da escolarização não é garantida para a maioria dos jovens brasileiros. No entanto, os estudantes entrevistados nesta pesquisa demonstram ter possibilidades materiais e simbólicas para projetar seus futuros, influenciados tanto pelas expectativas familiares em relação à escolarização e ao sucesso quanto pelos próprios significados que atribuem aos estudos. No caso de Guilherme, a escolarização representa não apenas uma chance de ascensão social, mas também uma forma de retribuir aos pais pelo apoio recebido. Além disso, muitos aspiram a profissões que exigem formação superior e promovem ascensão social.

Minha mãe espera que eu faça faculdade pra alguma profissão que gere reconhecimento, pra ser o melhor e que ganhe bem. Minha mãe espera muito de mim. Ela me dá muitas dicas. Ela sugere Medicina, que não é ruim, mas só que não é o que eu vejo como minha área. Advogado também, mas eu também não me vejo. Eu só quero levar minha vida normalmente. Eu quero fazer faculdade em algum curso da área da Informática. Se eu fizer alguma coisa que eu gosto, tá bom. O que eu penso é que o estudo gera o conceito de eu ter a educação que eu preciso e que é um caminho pra eu arrumar um emprego e ter uma vida confortável. Porque mesmo que você estude e pegue emprego, a maior consequência se aplica em gerar dinheiro. Mesmo que eu não goste de estudar, eu tenho que estudar porque senão eu não vou ter uma vida confortável do jeito que eu pretendo ter e pra ajudar a minha família. (Kelvin, filho de Rosângela)

Pandite-Pereira (2016) assinala que a universidade é vista pelos jovens como a etapa final da escolarização, essencial para o acesso ao mercado de trabalho. Nesse contexto, a formação técnica integrada ao Ensino Médio é considerada uma fase preliminar para prosseguir com os estudos superiores, mesmo que o curso universitário não esteja alinhado com a formação técnica. Da mesma forma, Loureiro e Moulin (2015) indicaram que a formação técnica pode servir como uma estratégia intermediária na busca por projetos futuros. Apesar das incertezas sobre a graduação a seguir, a formação técnica é percebida como uma base valiosa de conhecimentos que complementar a educação superior, mesmo que não esteja diretamente relacionada à área técnica, como no relato de Wendy, filha de Welma : “O curso Técnico vai me preparar mais pra quando eu entrar na faculdade, e até pra mim pensar e entender se é isso que eu quero pra seguir na faculdade”.

Ele falou: ‘Mãe, de repente eu perco um monte de tempo lá na faculdade. Eu sei que não é perder, porque vou estar ganhando conhecimento, mas vou estar lá investindo naquele tempo sendo que eu não sei direito o que eu quero, sendo que ao invés eu posso estar investindo em outra coisa. Já tendo o meu curso Técnico, eu posso estar investindo em alguns outros cursos que podem me ajudar a

pensar o que eu vou fazer'... Até eu falei assim: 'Mas a faculdade, o diploma, pra você também não é importante?', ele: 'É, é muito importante mãe, mas se eu me preparar melhor...', aí ele me explica que ele fazendo tal curso, aí depois ele volta pra poder fazer faculdade, que ele vai ter mais estabilidade financeira. (Tainá, mãe de Guilherme)

A formação no ensino Técnico do IFSP foi também indicada pelas famílias e pelos alunos como possibilidade de custeamento de cursos de formação/aperfeiçoamento e de estudos na universidade, por intermédio do ganho advindo de relações empregatícias na área de formação do curso técnico, de modo a ser expectada como processo intermediário que destina-se a garantir condições de continuidade ao itinerário formativo: "Quando eu entrar na faculdade posso fazer uns bicos de técnico. Pra bancar minha faculdade, eu uso meu curso Técnico, que é uma garantia pra eu já ter um emprego. (Kelvin, filho de Rosângela)

Faz-se também importante destacar que algumas das expectativas familiares acerca da escolarização de seus filhos e filhas se pautam nas trajetórias escolares percorridas por algum familiar ou pessoa próxima à família e que, por meio da sua formação, alcançou sucesso profissional, podendo inclusive configurar-se como agente facilitador de empregabilidade para o jovem estudante.

Eu cresci vendo os meus primos, com eles nessa onda de estudar, de crescer na vida, então aquilo pra mim era um espelho. Eles são mais velhos do que eu, têm mais experiência, por isso eu falo: 'Se eles estão fazendo, se estão se dando bem, se estão gostando, acho que se eu fizer a mesma coisa eu também vou conseguir, também vou fazer isso (..) eles também fizeram escola técnica aqui em São Paulo e hoje em dia estão super bem profissionalmente. (Nara, filha de Nilza)

Como visto no relato de Nara, a família e o meio social dos estudantes exercem influências que repercutem na escolha profissional destes à medida em que oferecem modelos, valorizam os estudos destes no Ensino Médio Integrado ao Técnico e apresentam expectativas positivas com relação a seus futuros. Durante as entrevistas, os estudantes também demonstraram possuir suas percepções com relação às expectativas que incidem sobre seu processo de escolarização.

Não acho que estou atingindo as expectativas do meu pai, porque ele só quer que eu tire nota alta. Consigo ficar na média só nas matérias que eu posso levar tranquilo, como Inglês, Português e História. Nessas disciplinas, sempre tiro nota boa, sem fazer nada. Só que nessas disciplinas o meu pai nem fala nada! Nessas disciplinas, ele não espera nada de mim. (...) eu fico meio confuso, fico chateado porque meu pai me cobra pra caramba, fala que é minha obrigação estudar e melhorar pra passar de ano, mas ele não me ajuda muito. (Juliano, filho de Antônio)

Os relatos mostram que as expectativas dos pais têm um grande impacto na percepção de sucesso ou fracasso escolar dos adolescentes, podendo incentivá-los ou desestimulá-los em seus estudos. Quando os estudantes não atendem às expectativas, alguns pais baseiam seus discursos na meritocracia, sem considerar que os fatores que afetam o desempenho escolar podem estar ligados à organização educacional da escola. Como resultado, os adolescentes muitas vezes são responsabilizados por dificuldades que não são apenas pessoais. O relato de Graziela ilustra como expectativas familiares frustradas em relação ao seu desempenho em Matemática geram reações contraproducentes e sentimentos de culpa e medo.

(...) Meus familiares me cobram bastante. A minha mãe não costuma me acompanhar, então, às vezes, quando eu estou estudando, ela entra no quarto e começa a conversar e falar sobre alguma coisa aleatória, eu falo: 'Mãe, estou estudando'. Eu sempre faço questão de avisar pra ela de tudo. Só que chega no final do bimestre, aí ela cobra: 'Cadê o boletim?', Aí eu mostro pra ela, só que eu fico com medo de ela brigar, principalmente por causa de Matemática. (...) O problema é ela ficar chateada, porque quando a minha mãe fica chateada, aí eu fico muito triste. É brava, mais é chorona. (Graziela, filha de Cristina)

Considerando o período de intensa exploração e descoberta na adolescência, é importante motivar os adolescentes a desenvolverem expectativas positivas sobre sua escolaridade e futuro. Essas expectativas servem como um importante fator de proteção ao desenvolvimento do jovem, mesmo diante de dificuldades. Essa necessidade foi enfatizada em diversos trechos das entrevistas: "Por um lado, as expectativas da minha mãe ajudam porque me incentiva a continuar estudando, a continuar sempre me esforçando. (Vivian, filha de Eliane)

Acho que as expectativas e também o incentivo dos pais, influenciam muito na carreira escolar do filho. Algumas pessoas me incentivaram pra eu correr atrás dos meus objetivos, principalmente amigas minhas, da minha idade. E a minha tia do lado do meu pai também, quando eu falei pra ela que eu entrei, ela ficou muito feliz e passou a me incentivar. Tenho duas tias do lado da minha mãe que me ajudam, me incentivam bastante também. Meus professores da antiga escola acreditam muito no meu potencial e me incentivam. (Wendy, filha de Welma)

As narrativas indicam que as expectativas positivas sobre o potencial dos estudantes podem atuar como fator de proteção ou de estresse, dependendo do apoio, envolvimento e acolhimento oferecidos a eles, além da compreensão e empatia às suas necessidades. As análises destacam que o ambiente sociocultural, especialmente o familiar, impacta significativamente o desenvolvimento escolar dos adolescentes. Além disso, pais e mães influenciam essas expectativas ao estabelecerem padrões normativos e valores, atuando como modelos e mediadores

de aprendizagens essenciais nesse período de amadurecimento. As entrevistas revelaram que as expectativas dos estudantes e suas famílias se concentram em preocupações com a continuidade da formação, profissionalização, inserção no mercado de trabalho e melhoria das condições de vida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das entrevistas revelou que os participantes construíram significados próprios sobre seus processos de escolarização, baseados em significados coletivos adquiridos através de suas relações sociais, especialmente com a família. Ouvir alunos e seus familiares mostrou-se uma estratégia importante para entender como as expectativas e o apoio familiar influenciam a percepção de sucesso e fracasso escolar. Isso pode permitir reflexões sobre formas de intervir em dificuldades e conflitos na trajetória escolar de estudantes do Ensino médio da rede federal, contribuindo para sua formação integral.

Os dados mostraram que os participantes veem a escolarização como um meio para acessar melhores empregos, alcançar mobilidade social e realizar projetos pessoais. Esses significados da escolarização estão fortemente ligados às expectativas familiares. Além disso, as preocupações com o futuro dos estudantes e suas famílias envolvem a continuidade dos estudos, a profissionalização (nem sempre relacionada à formação técnica) e a busca por melhores condições de vida através da inserção no mercado de trabalho. As expectativas dos jovens e suas famílias ao escolherem o IFSP estavam alinhadas com a busca por uma educação de qualidade, com o objetivo de facilitar o ingresso em universidades públicas e proporcionar inserção no mercado de trabalho antes ou durante a graduação. A maioria dos jovens não escolheu o IFSP visando o curso técnico em si, mas sim a qualidade do ensino médio oferecido pela rede federal, sendo essa escolha amplamente influenciada pelo grupo familiar. A maioria dos estudantes entrevistados não planeja seguir na área do curso técnico no nível superior.

A pesquisa mostrou que os jovens veem a escolarização como um investimento para o futuro, acreditando que um ensino de qualidade, como o Ensino Médio, os prepara para vestibulares de universidades bem avaliadas, levando a melhores condições de vida. Esses estudantes valorizam a meritocracia, associando o sucesso ao esforço pessoal. No entanto, essa expectativa de esforço pessoal, muitas vezes influenciada pelas famílias, tem gerado sofrimento entre os jovens, manifestado por desmotivação, sentimentos de inadequação, estresse e desencajamento diante das pressões familiares e dificuldades escolares.

Expectativas semelhantes foram observadas entre os jovens e suas famílias, que compartilham o desejo de trajetórias de escolarização que possibilitem a entrada nas universidades, o acesso ao mercado de trabalho e a melhoria das condições de vida. Essas expectativas, juntamente com outros fatores, motivam os jovens a permanecer na instituição de ensino, apesar das adversidades. As interações sociais, especialmente as familiares ajudam os jovens a ver a escolarização como um caminho para enfrentar os desafios da sociedade classista. A maioria dos participantes acredita

na eficácia dos processos educativos para a ascensão social e financeira, e tanto os pais quanto os jovens mantêm expectativas positivas sobre a capacidade de aprendizagem e o funcionamento da estrutura escolar em que estão inseridos.

Parece também ser fundamental que escola e família aproveitem os benefícios de sua colaboração. Cada um, ciente de suas responsabilidades, deve contribuir de forma positiva no processo de escolarização e formação dos estudantes por meio de sua participação ativa na vida escolar. Assim, espera-se que práticas participativas entre a equipe educacional e a comunidade escolar promovam mudanças significativas nos processos escolares, ajudando a superar preconceitos que permeiam a relação entre escola, estudantes e famílias.

Acredita-se que a ciência está sempre criando novos entendimentos sobre os fenômenos que analisa. Assim, convidamos os leitores a realizar novas pesquisas sobre os significados e sentidos nas relações entre escola, estudantes e família, buscando superar gradualmente a visão limitada que a escola tem sobre como os estudantes e suas famílias vivenciam a jornada da escolarização.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cássia Ferraza; ZAPPE, Jana Gonçalves; PATIAS, Naiana Dapieve; DELL'AGLIO Débora Dalbosco. Relações com a escola e expectativas quanto ao futuro em jovens brasileiros. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 26, n. 1, p. 50-65, 2015.

BILAC, Elisabete Dória. Sobre as transformações nas estruturas familiares no Brasil: notas muito preliminares. Em RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara Torres (Orgs.). **Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Edições Loyolas, p. 43-61, 1995.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CASTRO, Maria Helena Guimarães. Uma Nova Agenda para a Educação Básica Brasileira. **Com Ciência**, Campinas, n. 132, 2011.

CASTRO, Vanessa Gomes de; TAVARES JÚNIOR, Fernando. Jovens em Contextos Sociais Desfavoráveis e Sucesso Escolar no Ensino Médio. **Educação & Realidade**, vol. 41, núm. 1, jan.-mar., 2016, p. 239-258.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de; SANTOS, Catarina de Almeida. **A qualidade da educação: conceitos e definições**. Brasília, DF: Inep, 2007.

FERRY, Luc. **Famílias, amo vocês: política e vida privada na era da globalização**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

GODARD, Francis. **La famille – affaire de générations**. Paris: PUF, 1992.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre Alguns Desafios do Ensino Médio no Brasil Hoje. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 144, p. 752-769, set./dez. 2011.

LOUREIRO, Terezinha de Jesus Lyrio; MOULIN, Maria das Graças Barbosa. JUVENTUDE E PROJETOS DE FUTURO: Possibilidades e sentidos do trabalho para os estudantes do IFES. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 71-84, 2015.

MENDES, Marcelo Simões. Da inclusão à evasão escolar: o papel da motivação no ensino médio. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 261-265, Jun., 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 25 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NURMI, Jari-Erik. Como os adolescentes vêem seu futuro? Uma revisão do desenvolvimento da orientação e planejamento futuros. **Developmental Review**, v. 11, n. 1, p. 1-59, 1991.

PANDITE-PEREIRA, Angelina. **A constituição de motivos para as atividades escolares em jovens estudantes do Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 4 ed. São Paulo: Ed. Intermeios, 2015.

PEREZ, Marcia Cristina Argenti. **Práticas educativas da família e da escola e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares do ensino fundamental**. Tese (Doutorado em Educação) – FE - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 25 ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2014.

RODRIGUES, David. Educação Inclusiva: mais qualidade à diversidade. In.: FREITAS, Soraia Napoleão; KREBS, Ruy; et al. **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005, p. 45-63.

SILVA, Livia Sousa da; MENDONÇA, Kátia Marly Leite. O mito da família desestruturada: problematizando imaginários atualizados sobre a causa da violência na escola. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, v. 25, n. 2, p. 301-321, 2023.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família-escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Líber Livro, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Obras Escogidas**: Tomo IV. Paidologia del adolescente. Problemas de la psicología infantil. Madri, España: Visor, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich . **A formação social da mente**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.